

## “Lágrimas de guerra”

As caixas de cartão encontram-se amontoadas por todas as divisões desta velha casa. Para conseguir movimentar-me e alcançar o que preciso para terminar a limpeza é necessário cuidado milimétrico. Para ajudar, o meu estado não é o recomendável. As mãos tremem, os olhos turvam e o cansaço apodera-se dos músculos. Preciso parar e respirar. Passo por entre aquilo que já está empacotado e sento-me no velho cadeirão da sala, perto da lareira, onde o meu avô passava todos os serões depois do jantar, contando histórias aos netos. Como eu gostava de as ouvir! Era sempre a primeira a sentar-me e a última a levantar-me, fazendo perguntas, duvidando das aventuras, chorando com os desencontros. Enquanto ele, de bom grado e sorriso no rosto, me respondia a tudo de forma clara e natural, como se as sereias vivessem nas profundezas do Atlântico e o Adamastor naufragasse caravelas.

Fecho os olhos e as lembranças acalmam a minha respiração. Regresso ao presente e olho ao meu redor. Uma casa outrora cheia de alegria, cor e amor, é agora escura e vazia. Nenhum dos meus familiares aceitou a casa para si, sentiam que era errado ou tinham apenas medo de o recordarem em cada canto. O sinal perto do portão no jardim não deixa espaço para dúvidas. Em breve todas as memórias aqui construídas serão apagadas, os jantares de família terão um lugar desocupado e as histórias inimagináveis, mas deliciosas, serão esquecidas. Suspiro todo o ar embargado na minha garganta e pouso o olhar numa pequena caixa diferente de todas as outras, que se encontra em cima da cómoda. Dirijo-me até lá e pegando-lhe, regresso ao cadeirão, aconchegando-me confortavelmente. Muito devagar retiro todos os adesivos que protegiam o seu interior e começo a tirar de lá todo o seu conteúdo, inspecionando minuciosamente. Postais da década de cinquenta, alguns escudos bastante antigos e até fotografias frágeis, algumas rasgadas nas pontas. Nos postais, locais deslumbrantes como Cuba ou Paris são por mim facilmente identificados, enquanto que nas fotografias reconheço alguns familiares, sendo que não me recordo da maior parte. Por fim, no fundo da caixa estão dois pedaços de papel, um deles uma carta o outro um recorte de jornal, com aspeto antigo e até danificado. Toda a minha concentração está agora nesses pedaços. Retiro o primeiro, aquele que se encontrava por cima. Leio então as seguintes palavras, escritas com a letra do meu avô:

«Quando me destacaram para a Guiné quase colapsei. Era um miúdo franzino e que passava o dia a ler obras de Voltaire e Tólstoi. Tudo o que sabia sobre a guerra e sobre batalhar, vinha dos livros, contudo todos sabemos que a teoria e a prática são sempre díspares. Até podemos saber uma, isso não significa que estaremos aptos para a outra. Ao entrar para aquele barco, cheio de rapazes como eu, com medo e desesperados, percebi que não estava sozinho naquela jornada. Acenei vorazmente a minha mãe que chorava como se a viagem fosse apenas de ida. Para a maior parte de nós era essa a verdade. Ao ouvir o sinal de partida sentei-me rapidamente onde tinha espaço. Foi nesse momento que conheci o Leninha. Era loiro, magro e bastante esbelto, porém tímido. Durante toda a viagem não se atreveu a abrir a boca para falar comigo. Apenas

quando pousamos pé em terra firme é que ele se apresentou, dizendo tudo tão rápido, que eu percebi que era um discurso treinado. Desde aí ficámos bons amigos, ele era o único a quem eu contava todos os meus receios. Penso que isto era mútuo. Sempre lhe perguntei qual era a razão do seu nome. Ele sempre me negou qualquer tipo de resposta. Dizia que não queria que eu o imaginasse como um fraco. Foi uma amizade curta, mas com tanto significado. Tudo desmoronou naquele dia tórrido de julho. Fomos chamados a combater pela Nação. Eu só pensava: Que Nação? Aquela que envia os seus filhos em direção à morte? O Leninha, ao meu lado, tremia e soluçava de pavor! Tentei acalmá-lo, dizendo que tudo acabaria num instante. Realmente acabou... De forma trágica. Duas balas atravessaram o corpo do meu companheiro. Eu puxei-o e tentei chegar até às tendas dos feridos, mas ele jorrava sangue imparavelmente. Foi então que ele me disse “É por causa de minha mãe”. Confuso e pensando que ele delirava perguntei-lhe “O quê?”. “O nome Leninha é por causa de minha mãe... Os meus colegas achavam que eu me escondia demasiado debaixo das suas saias, então apelidaram-me através do nome dela... Madalena... que nome lindo. Quem me dera poder estar debaixo das suas saias agora...”. Ele desmaiou. Quando chegámos era tarde de mais, não havia nada a fazer. Até hoje não sei o seu verdadeiro nome, porém também não preciso. Leninha basta-me. Ao regressar a Portugal tentei procurar pela sua família para eu próprio lhes dar a notícia. Não consegui. Por isso decidi escrever um texto e enviá-lo para o “Notícias de Évora”. Surpreendido vi o meu texto publicado numa das suas edições. A redação tirou a liberdade de lhe atribuir um título. Eu sabia assim que o Leninha não cairia no esquecimento.»

Ao ler a última palavra da carta o meu fôlego era escasso. As bochechas estavam humedecidas e o melhor era não ler mais nada e guardar a caixa. No entanto, o coração não permitiu. Retirei o recorte de jornal e li:

«Lágrimas de Guerra

Choro. Choro pela morte dos inocentes, pela morte dos meus companheiros, pela morte da terra... e pela morte da minha alma. Olho à minha volta e só vejo destroços. Terra queimada, balas perdidas, corpos caídos, sangue derramado. E cheira a morte. Cheira a podridão e ódio. Inalo o ar e os meus pulmões gritam por socorro.

Olho à minha volta, mas a visão é turva. São as lágrimas que escorrem pela minha face e percorrem um curto caminho, até aterrarem e embrenharem neste solo morto onde me encontro sentado. Mas não por muito tempo.

Agora, deito-me e olho o céu. Em vez do azul cristalino e pacífico encontro um cinzento triste e odioso. Fecho-os. Sim, consigo ver-me na praia a correr, a fugir, a fugir... de minha mãe, sim, é ela. Mais tarde, vejo-nos aos dois abraçados. É tão bom, o seu abraço. Contudo, sei que a perdi. Aliás, ela perdeu-me.

Dói. Dói imenso. Não consigo perceber se o que dói mais são os buracos que as balas deixaram no meu corpo, ao ser transpassado, ou a minha alma destruída por esta

guerra. Está próximo. Sinto-o. Vou ter com ele, e ele vai-me dar as mãos e perdoar-me todas as vidas que eu lhe entreguei. Neste solo onde me encontro, a vida voltará a reinar. As flores voltarão a crescer e por baixo do meu corpo nascerá a mais bonita delas e a razão... serão as minhas lágrimas de guerra.»

Passo os dedos por cima de todas as palavras. O peito está apertado. De repente, ouço a porta abrir-se, com aquele ranger que é característico. É a minha mãe. Pergunta-me se consegui encaixotar tudo. Respondo-lhe que sim. Ela baixa o olhar para aquilo que estou a segurar e faz uma cara de interrogação. Digo-lhe que são apenas velharias, porém que ficarei com elas, como recordação. Acena com a cabeça e diz-me que os senhores com a carrinha deverão estar a chegar para levar tudo. Movimento a cabeça afirmativamente e ela diz-me que espera no carro, do outro lado da estrada. Arrumo tudo dentro da caixa, pego no que me pertence, olhando uma última vez o interior da divisão e desligo a luz. A casa poderá já não pertencer àqueles que criaram memórias dentro dela, mas as pessoas dessas lembranças nunca serão esquecidas. Nem elas, nem o Leninha.